18 aula

REDAÇÃO:

TEXTO E CONTEXTO

META

Apresentar o conceito de polifonia pela relação que mantém com o conceito de dialogia; mostrar os modos pelos quais produzimos textos polifônicos; definir o conceito de carnavalização dos sentidos e relacioná-lo ao conceito de imaginário; mostrar a distinção entre texto monofônico e texto polifônico.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá: reconhecer a importância da dialogia na produção textual polifônica; aplicar os recursos polifônicos na produção de textos orais e escritos; identificar as estratégias de produção de textos monofônicos; reconhecer o processo de carnavalização dos sentidos.

PRÉ-REQUISITOS

Noções de texto, contexto e discurso; conceito de linguagem como interação social; conceito de intertextualidade.

Nesta aula, você aprofundará a noção de contexto para que seja capaz de relacioná-la à noção de texto. O conhecimento das relações que regem o texto e o contexto deverá auxiliá-lo em suas produções textuais.

INTRODUÇÃO

Você aprenderá também sobre a estrutura e o funcionamento das duas dimensões dos contextos. Além disso, saberá que eles apresentam uma interface social e outra cognitiva, que organizam nossas interações sociais.

18
aula

DIALOGIA

A *dialogia* decorre tanto da interação direta entre um *eu* e um *tu*, típica das conversações cotidianas, quanto de outras formas de interação, por onde os sujeitos se deslocam para outras posições e se fragmentam na perspectiva de outras vozes, que fazem deles sujeitos históricos, ideológicos e culturais.

Sem o princípio da dialogia não há condições de discurso, tampouco de cruzar formações discursivas, isto é, de construir a interdiscursividade, por onde ecoa uma multiplicidade de vozes, que responde pela historicidade dos discursos. Quanto mais compreendemos a extensão do eixo dialógico, mais ampliamos a polifonia dos textos.

As definições de *dialogia* e *polifonia* conferem aos textos maior grau de complexidade. Assim, o funcionamento do texto, com base nesses dois conceitos, encontra-se bem representado na fala poética de João Cabral de Melo Neto em "Tecendo a manhã" (1979:19-20), da qual reproduzimos a primeira estrofe:

Um galo sozinho não tece uma manhã
Ele precisará sempre de outros galos,
De um que apanhe esse grito que ele
E o lance a outro; de um outro galo
Que apanhe o grito que um galo antes
E o lance a outro; e de outros galos
Que com muitos outros galos se cruzem
Os fios de sol de seus gritos de galo,
Para que a manhã, desde uma teia tênue,
Se vá tecendo, entre todos os galos.

Esse poema nos possibilita conceituar o *texto*, em conformidade com Bakhtin (1974): tecido polifonicamente construído por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras.

Não podemos nos esquecer que a intertextualidade, que se qualifica pelo diálogo entre textos, é também o passaporte para a construção da rede polifônica, uma vez que desse diálogo ecoam diferentes vozes. Sabemos que há a *intertextualidade direta*, que nos faculta a possibilidade de citar outros textos; e, a *intertextualidade indireta*, que se iguala à interdiscursividade, por meio da qual mobilizamos diferentes formações discursivas que concorrem no interior dos textos.

TEXTOS POLIFÔNICOS E MONOFÔNICOS

As estratégias discursivas é que determinam a construção de textos polifônicos ou monofônicos. Em outras palavras, dependendo da intenção comunicativa do produtor textual, as vozes se ocultam sob a aparência de uma única voz ou se mostram. Segundo Barros (1999), monofonia e polifonia de um discurso são efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos, por definição, dialógicos.

Essa distinção oferece subsídios que nos permitem relacioná-la à tipologia dos discursos, proposta por Orlandi (1988), que os classifica como: autoritário, polêmico e lúdico.

O *discurso autoritário* é aquele que tende à paráfrase, com grau de polifonia tendente a zero. Nesse caso, o discurso assume mais o caráter monofônico. Observe os discursos religiosos, por exemplo. Eles se constituem por uma assimetria entre os planos espiritual e material, marcados por uma única voz que ecoa do mundo espiritual e determina as demais.

O *discurso polêmico* é aquele que apresenta um equilíbrio tenso entre paráfrase e polissemia, com grau polifônico controlado, pois as vozes se mostram no processo discursivo.

O *discurso lúdico* é aquele que tende para a total polissemia, com alto grau polifônico. É uma modalidade discursiva mais característica na literatura, em geral.

Segundo Orlandi (1988), o exagero do discurso autoritário é a ordem no sentido militar, o do polêmico é a injúria e o exagero do lúdico é o *non sense*.

CARNAVALIZAÇÃO DOS SENTIDOS

A *carnavalização* é um conceito que Bakhtin (1970) desenvolve na literatura carnavalesca, principalmente ao descrever as festas medievais na obra de Rabelais. Nessas festas, o mundo era colocado às avessas, suspendiam-se as leis, aboliam-se as distâncias entre os homens, instalavam-se novas formas de relações humanas, renovava-se o mundo. O Carnaval é a festa que mais assume esse caráter de inversão de valores.

Para o autor, o Carnaval é um espetáculo sem palco e sem separação entre atores e espectadores, além de derrubar todas as barreiras: sociais, de idade, de sexo. Representa a fuga ao cotidiano, ao oficial, isto é, representa o mundo ao contrário daquilo que se acha institucionalizado.

A visão carnavalesca de mundo apresenta quatro categorias fundamentais:

novo modo de relações humanas: oposto às relações hierárquico-sociais todo-poderosas da vida cotidiana;

excentricidade na expressão: permite-se tudo o que é proibido;

mésalliances: refere-se à aproximação dos contrários;

profanação: formada pelos sacrilégios e pelas paródias carnavalescas dos textos sagrados e sentenças bíblicas, etc.

Essas categorias foram transpostas para a literatura e contribuíram para a abolição da distinção entre épico e trágico. Ao valorizar o Carnaval, Bakhtin valoriza também gêneros considerados secundários como, por exemplo, a sátira menipéia (onde se inclui a paródia), o diálogo socrático e o simpósio ou alegre festim.

A carnavalização dos sentidos remete-se ao conceito de imaginário: espaço de

projeções simbólicas daquilo que transita no campo da imaginação como fonte de desejo e prazer. O imaginário é sempre o lugar de projeções de imagens e do porvir.

Em síntese, a inversão da ordem legitimada implica instaurar no discurso uma multiplicidade de vozes silenciadas e também inventadas, fruto do imaginário social.

ATIVIDADES

1. Na tipologia dos discursos, proposta nesta aula, definimos o tipo autoritário, o polêmico e o lúdico. Sabemos, contudo, que esses tipos não ocorrem nos discursos de forma absoluta, mas sim em caráter de predominância. Leia o fragmento textual abaixo, que ilustra a visão de mundo medieval, e considere qual o tipo que nele predomina. Justifique sua resposta.

> Deus quis que, entre os homens, uns fossem senhores e os outros servos, de tal maneira que os senhores estejam obrigados a venerar e a amar Deus, e que os servos estejam obrigados a amar e venerar o seu senhor.
> (extraído de Freitas, Gustavo de. *900 textos e documentos de história da Igreja*)

2. Produza uma paródia do texto lido, na questão anterior, carnavalizando os sentidos. Para tanto, faça uso das quatro categorias propostas no item III, desta aula.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A paródia se constitui polifonicamente, visto que representa vozes que se contrapõem às vozes que ecoam no texto-base sobre a Idade Média.

CONCLUSÃO

Os discursos formalizados em textos tanto podem tender à monofonia quanto à polifonia, dependendo das condições de produção em que se inserem. Contudo, não podemos nos esquecer de que a dialogia é o princípio que sustenta todo esse processo.

A tipologia dos discursos é um bom recurso para detectarmos os graus de polifonia nos textos. Sem dúvida, é possível relacionar o discurso lúdico ao processo de carnavalização de sentidos, que consiste na inversão dos sentidos instituídos e legitimados socialmente.

RESUMO

Nesta aula, você desenvolveu os conceitos de dialogia e polifonia para facilitar seu processo de escrita de textos escritos e orais, por meio do uso das categorias tipológicas do discurso.

Desenvolveu também o conceito de carnavalização para entender como se dá o processo de ruptura de sentidos e suas projeções para o espaço do imaginário.

PRÓXIMA AULA

Mais adiante, você estudará a estrutura do parágrafo-padrão, reconhecendo a diferença também entre texto-produto e texto-processo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **La Poétique de Dostoïevski.** Paris, Seuil, 1970.

BAKHTIN, Mikhail. **La Cultura Popular em la Edad Media y Renacimiento.** Barcelona, Barral Editores, 1974..

BARROS, Diana Pessoa de. E FIORIN, José Luiz. (orgs.) **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade – em torno de Bakhtin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999..

MELO NETO, João Cabral de. **Poesias Completas.** 3ª. Ed. Rio de Janeiro, José Olympio, PP. 19-20, 1979.

ORLANDI, Eni P. 1 **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 988b..